

A PENNA

ORGÃO DO CLUB LITTERARIO CRUZ E SOUZA

Ado avançando sempre e a fé nos vira alonta.

D'ALEMBERT

ANNO I FLORIANOPOLIS, 20 DE JULHO DE 1902 N. 1



A PENNA

Afim de ensaiar nossos primeiros passos na carreira litteraria e que damos publicidade a esta pequena Revista, simples como nossos pensamentos, modesta como a rosa que á manhã desabrocha afim de receber em suas nacaradas petalas os primeiros raios do sol que tanto as vevificam.

Nós, que nos orgulhamos de pertencer á patria d'aquelle que tão alto soube elevar o nome da terra Catharinense; nós, que tanto prezamos a aite d'aquelle a quem por ironia chamaram o *poeta nebuloso*, sentimo-nos verdadeiramente pezarosos ao vel-a tão desprezada em nosso querido Estado.

Custa-nos, mas somos forçados a confessar esta verdade.

Lançai por um momento a vista sobre outros Estados do Brazil; vede como continuamente trabalham para o cultivo das lettras, publicando jornaes, organisando sessões, creando Clubs, tratando, enfim, de tudo quanto diz respeito á litteratura, em quanto em Santa Catharina, neste pedaço de terra Brasileira que tão invejáveis talentos tem produzido, deixam-na envolta no scmbriô manto do esquecimento!...

M cidade Catharinense! despartai!

Vinde fortalecer nossas fileiras, trabalhar em prol da arte que tanto elevaram Cruz e Souza Castro Alves, Camões, Victor Hugo e tanto outros, cujos nomes, prefulgindo nas paginas da Historia, honram os paizes onde tiveram seus berços.

CRUZ E SOUZA

Illustrar-se com o retrato do luminoso estheta, que tão essencial e atticamente synthetisa na escripta todas as bellezas poeticas deste torrão que lhe foi berço, não é só uma homenagem de vida ao seu masculino talento—é tambem um dever de gratidão de qualquer revista litteraria catharinense.

E' deste dever que nos desobligamos gestosamente.

Tivessemos espaço, fosse esta Revista igual em tamanho ás maiores que se publicam pelos dominios da Arte, e dariamos, para salientar o retrato do genial burilador dos *Pharões*, o fundo escuro de sua vida, que é a mais dolorosa e heroica que conhecemos. Estamos bem collocados para isso; ninguém melhor do que nós palpoi-lhe as dores que aos milhares a sorte lhe arrenesara.

Mas só isto iria muito além de nosso formato, quanto mais a exegêce de sua alma limpida e do seu fião e raro temperamento de Artista.

Limitemo-nos, portanto, á parsimonia de nossas columnas.

Quanto ao valor e grandeza da obra de *Cruz e Souza*, que falem por nós os seus livros, que são muito mais eloquentes.

DA POESIA

A poesia é uma arte divina, por isso que é a manifestação do bello pela palavra.

Ora, o bello, como a verdade e

o bem, recebeu sua origem do Supremo Artífice; logo, a poesia é verdadeiramente uma arte divina, como a música, que também exprime a ordem no tempo; como a pintura, a esculptura e a architectura, que exprimem a ordem no espaço.

Antes de ser a arte de Homero, de Virgílio, de Dante e de Camões, a poesia já era a arte de David, de Jeremias, de Ezechiél e de Isaias.

Que Moysés tinha estro, o prova o canticó por elle composto depois da passagem do Mar Vermelho.

Para demonstrar que a Santa Virgem era poetiza, é sufficiente o canticó por ella composto depois da annunciação do archanjo Gabriel.

Que o proprio Jesus era poeta indicam-no as parabolae, que outra cousa não são que fabulas racionais.

Ora, as fabulas sempre são poesias, ou escriptas em prosa, ou em verso.

Que n' dirá que Phedro era mais poeta do que Esopo, só porque este escreveu fabulas em prosa, e aquelle em verso?

O verso não constitue a poesia: antes que existissem versos, já havia poesias.

Ha muita prosa poetica, como o romance *Iracema*, de José de Alencar; ao passo que falta a poesia aos versos de um litterato conhecedor da arte poetica, mas desprovido de estro.

A versificação riginou-se do consorcio da musica com a poesia:

na produzi-la pela necessidade de adorna-la com a letra ao canto.

ALOYSIO PAULICEU

DOR RECONDITA

A' FRANCISCO RAMALHO

*Se o homem que entor nós convive, agora
alogue de olhar vivo e lacitante,
talvez que a dor, que no seu peito máis
seja carente, aguda, e penetrante.*

*Talvez que o peito seu, seja um vulcão
de cholera esputante e venenosa,
cujas lavas offendam o coração,
e a alma que antes fora venturosa.*

*Se nós poderdes penetrar no peito,
feito de magoas, só de magoas feito,
talvez que a dor poderdes comprehender.*

*Tarem não poder é invisível todo,
mudo é seu peito, só seu peito é mudo,
no mundo de affeições em que viveis.*

Rio de Janeiro 11 de Julho de 1902

CARMO JUNIOR

AMOR

A' João Becker

Amor! Palavra que per si só
exprime um poema de gozos e
de tristezas!

O amor é irmão do riso e filho

do coração, porque compartilha em tudo e tudo é alegria!

E' treva, na luz e luz na treva.

E' treva, porque vê na verdade a mentira e na mentira a verdade!

Quem ama vê, sorri, chora, canta, gemê, falla, vive e é feliz; a tudo adora e admira, como quem procura em tudo a pessoa amada:

Quem ama não sente, não sofre, e si soffre é com doçura; porque da doçura vem o allivio;

Quem ama delira; é cego, mudo e surdo!

E quem é amado, a natureza e em toda a magnificencia é igual a elle e elle é igual a Deus;

Quem é amado não pensa: idealiza;

Quem é amado, sente o nectar, dulcificante de labios a murmurarem aos ouvidos, palavras animadas, palavras que seduzem;

Quem é amado, algumas vezes o coração se desfaz em torrenta, qual oceano bravo e indomito, que se remansa crystalladamente, cu com um olhar ou com um sorriso ou com um suspiro!

Quem é amado, contempla o céu, as encantadoras estellas, o brilhante Sol, a alabastrina Lua, até Deus, e sonha brincando com os espiritos celestiaes, já no espaço azul!

Quem é amado chora ou de tristeza ou de alegria e do choro vem as lagrimas e as lagrimas são filhas do amor: falla sempre com brandura e com suavidade, e sempre encontra, nas phrases, as delicias da paixão!

Quem é amado sorri e si sorri é porque chora e si chora é porque sorri!

O Sorriso vem do amor e o amor vem do sorriso! I. L.

FLORES MURCHAS

A. A. D.

Ingrato?... Julgas-me então ingrato só porque não podes responder aos teus angelicas escriptos?!...

Não.

Escuta-me primeiramente, e depois condemnna-me se me julgares tão.

Olha; vês este pedaço de terra onde a mente se desenvolve em daminhas heivas?...

Outrora, havia n'este mesmo lugar um jardim, onde nasceram flores de apreciadas formas, de dulcissimos aromas, em torno das quaes, as inquietas abelhas alegremente bailavam e os dourados colibris, em freneticos volteios, esvoaçavam contentes...

Hoje, o que restam dessas flores?... Onde seus inebriantes perfumes? Onde?...

E... por acaso, unicamente com o desejo de possuil-as, de servires seus raros perfumes, tu poderias fazel-as renacer?...

Não, porque seria loucura... Completamente impossível...

Como desejas, pois, fazer'to-tar no desolado jardim de meu coração; o amor, esta flor de purissima excencia si bem cedo morreu ao calor d'outros olhos que me tornaram descrente?!

FRATEL

Chorar... porque?

*Chorar? Porque? Si nada valem lagrimas,
si morre o affecto, si esmorece a fé,
si tudo passa n'esta vida rápida,
si tudo um termo tem,—chorar... porque?...*

*Chora a saudade sensitiva e languida,
mas chora e soffre n'um momento só,
e passa e vai,—como no espaço o passaro,
como nas azas da tormenta o pó...*

*As frescas rosas, quando o sol esplendido
erguer-se ardente—triste fim terão,
tristes n'urchando ao seu calôr de incendio,
na lama envoltas,—pela terra irão...*

*O céu sereno, transparente, limpo,
que ao rir dos astros, a brilhar, seduz,
depois, envolta na procella pavidã,
hade perder a peregrina luz...*

*A viração, que se deslisa tímida,
beijando as flôres do tranquillo val',
hade amanhã,—já tempestade indomita,—
as meigas flôres destruir fatal...*

*O amor jurado—perennial, intermino,
cheio de crenças, de paixão, de ardôr,—
pouco depois, esmorecido, languido,
parte em demanda de outro novo amor...*

*Assim, si tudo tem um termo e acaba-se,
si morre o affecto, si esmorece a fé,
si tudo passa n'esta vida rápida,
si tudo finda assim,—chorar... porque?*

* *

SUPPLICA

A MINHA IRMÃ

Quando me vires assim, n'esta abstracta contemplação, melancolicamente, sosinho, não me despetes; não?!...

Deixa, deixa minh'alma abysmar-se n'este vasto oceano de profundas recordações, onde perdidamente vaga o batel de meu pensamento, impellido pelas revoltas ondas das saudades...

Oh!... fosse eu um genio ainda hoje descreveria as mais saudosas scenas d'aquelles formosos dias que sepultados ficaram no tenebroso abysmo do passado, e que para sempre... eternamente, sempre, trago que! custosa reliquia no santuario de meu coração...

Quando me vires, pois, em bellas noites de luar, olhando o Firmamento, não te dêem cuidado as minhas lagrimas, porque não são prantos de dores os que derramo; são as bemfazejas gottas das saudades que vêm ovalhar as lembranças de nossos primeiros dias...

F. XAVIER

*(Das Lantejoulas.)***A PRIMAVERA**

A. C. Caminha

Que bella quadra a PRIMAVERA!
Estação sorridente em que as flores desabrocham n'um misto de amores, exhalando os mais inebriantes aromas.

Na PRIMAVERA, o Céu mostra-se radiante, em toda sua plenitude; Diaria, a Rainha da Noite, é mais

formosa; as Estrellas mais scintillantes.

Toda Natureza, esmera-se em apresentar-se fulgurante ante a estação das Flores e dos Amores.

Perante um quadro tão magnifico, quem não sente-se feliz?!
Ninguem! Ninguem!

As nossas almas arrébatam-se com as esperanças que ella traz e os poetas estes entes de espirito preveligiado, que sabem tão bem burilar com o pincel da Arte, as paixões que sentem, com mais razão que nós outros, esperam ansiosos a vinda da PRIMAVERA!

BRAZILINO JUNIOR

AO CLARÃO DA LUZ

A. L...

Diana, a formosa Diana, inseparavel companheira de meus Sonhos, orgulhosamente percorria o azulado espaço, envolvendo a Natureza com seu pallido manto de luz.

Nem o leve sopro da brisa fazia farfalhar as verdes folhagens das alçadas palmeiras; nem os augurentos latidos dos cans vinhan; interromper o monotoño silencio que no momento reinava.

E eu, á janella de meu gabinete, ao clarão de magestoso luar, relia uma a uma as cantas que de ti possuía.

N'uma que ainda resendia raro perfume; encontrei a madrixa de teus negros cabellos, em outra, o teu retrato e em todas, uma folha de malva, mirrada como a eterna fidelidade de que me juravas outr'ora...

la reler uma outra, quando carregada nuvem tedia a luz do luar.

Pensando então em tuas promessas e nos teus *leaes juramentos*, eu ri... ria... ria... e sorrindo adormeci.

F. X.

UM SER

Soneto, escripto pelo distincto litterato catharinense Cruz e Souza, dous dias antes de sua morte, em 19 de Maio de 1898.

O ser que é ser e que jamais vacilla,

Nas guerras immortaes entra sem susto,

Leva com syo esse brasão augusto

Do grande amor, da nobre paz tranquilla.

Os abyssos carnaes da triste argilla

Elle os vence, sem ancias e sem custo;

Fica tranquillo, num sorriso justo,

Em quanto tudo em derredor vacilla.

Ondas interiores de grandeza

Dão-lhe essa paz em frente á natureza,

Todo esse amor, todo esse largo effluvio!

O ser que é ser transforma tudo em flores,

E para ironisar as proprias dores,

Canta por entre as aguas do diluio.

PEROLAS POETICAS

Juvencio Martins da Costa — eis o nome que brilhantemente fulgura entre os dos mais eminentes poetas Catharinenses.

Para melhor conhecermos o seu raro talento e sentimento de verdade o artista, que p'ssuia, ahí temos o precioso volume de suas poesias, publicado por varios Catharinenses, em 1883, apoz seu passar-ento.

Aqui em seu berço natal, occupou saliente lugar como deputado ao Congresso do Estado.

Ainda no verdor dos annos, a descrença já torturava-lhe as esperanças, isto prová as seguintes quadras que orná a primeira pagina de seu livro:

Eu negolo... não vivo — sou prescripto,

Que não go errante, meu prazer e dor...

Ai! creanças não posso, adeio a vida

Maldigo os sonhos do fanado amor!

Peço-me cantar mesquinha vate.

Eu não me embala a esperansa em só momento.

Fasso as noites sonhando o meu futuro,

A minh' alma á lutar com o soffimento!

Diz ainda na mesma poesia:

Algo nos annos velho na tormenta!

Shou cravo sem perfume, luz sem brilho.

Um sal que se apaga a perdida creencia.

Flores sem perfume é o titulo que deu ao seu livro.

Flores sem perfume, sim! saudoso poeta; flores que tão bellamente soubeste burilá-as nos momentos de descrença; flores de

apreciadas formas que guardaremos sempre, como custosa reliquia de teu extraordinario talento...

Luiz Pistarini é o nome do autor de varias poesias de alto valor litterario.

A desventura—esta inseparavel companheira e inimiga dos poetas, não deixou tambem de ferir-o com suas cruentas garras; pois Luiz Pistarini, bem cedo ainda, passou pelo desgosto de ver fugir-lhe para sempre, a eleita por seu coração que o deixou na sombria noite da viuvez...

Não sendo porém o intuito do autor destas linhas—dar aos leitores desta pequena Revista a biographica do referido poeta, mas sim fazer com que possam avaliar o elevado sentimentalismo de que é dotado o mesmo, passa a apresentar uma de suas produções.

Eil-a:

A MINHA MÃE

Mãe, abrange! O meu coração minha mãe!
Ha quanto tempo já que te pranteio!
Que o teu carinho me não mais conforta.
Tem mais me abrigas em teu casto seio!

Oh! lembra-me ainda bem! Segundo creio.
— Aquella — eu brincava ao pé da porta.
E, ao ver-te no caixão de flores cheio.
Ha! meu sobraço que estivesse morto!

Mas um dia passou... um mez... um anno.
E deixas-me triste... e mais... e, oh! desengana!
Nunca mais me deixas ao lado amigo!

*... não te é mais mãe! do espanto de
 ... não, agora, não temo, não saudade,
 ... não, porque foi que não mais castigo!*

Ainda haverá quem afirme que a poesia se extinguirá?!

Não! O que se extinguem são os poetas, que desaparecem do mundo para surgirem na gloria...

FRANCK.

COBRESPONDENCIA

Aos Illustres Snrs. Socios que honraram estas columnas com suas produções, penhoradamente agradece a directoria do Club Litterario Cruz e Souza.

—As pessoas que deixarem de enviar, no prazo de tres dias, a presente revista, ficarão consideradas assignantes.

Club Litterario

Cruz e Souza

De ordem da Directoria interna, do Club Litterario Cruz e Souza, convido os Snrs. Socios honorarios e contribuintes a comparecerem, domingo, 27 do corrente mez, no sobrado n. 10 sito a rua Tijuano, affim de assistirem a posse da Directoria eleita em 43 do corrente.

O 1.º Secretario
 Clementino Britto.

Typ. da Livraria Moderna
 8—Rua Republica—8

ESTATUTOS

DE

CLUB LITTERARIO CRUZ E SOUZA

Approvados em sessão de 8 de Junho de 1902

CAPITULO I

Art. 1.º O Club litterario Cruz e Souza fundado em Florianopolis nos dias do mez de Maio de 1902, tem por fim,

§ 1.º desenvolver a litteratura entre seus associados;

§ 2.º publicar mensalmente uma Revista.

§ 3.º Reunir-se em sessão solemne em 19 de Março de cada anno, a fim de commemorar-se a passagem do Illustre Litterato Catharinense Cruz e Souza.

§ 4.º organizar uma Bibliotheca de obras concernentes aos seus fins.

§ 5.º convocar sessões litterarias, semanal, quinzenal ou quando determinar a directoria; onde fallarão os socios sorteados, com these dada pelo Presidente em sessão anterior.

CAPITULO II

DA DIRECTORIA, SEUS MENBROS, ATTRIBUÇÕES E DEVERES

Art. 2.º A Directoria do Club será composta de:

- a) Presidente,
- b) Vice presidente,

c) Primeiro Secretario,

d) Segundo

e) Terceiro,

f) Bibliothecario.

Art. 3.º A Directoria do Club terá uma commissão de fiscalização e composta de tres membros que será designada, mensalmente e a qual não será conhecida pela Directoria do Club.

§ 1.º O membro da referida commissão que se fizer collicter sera pela primeira vez suspenso por quinze dias, perdendo o direito de socio durante o periodo da suspensão.

§ 2.º e se reincidir será excluido do Club.

Art. 4.º Ao presidente compete velar pela ordem e interesses do Club, levantar a sessão quando não-reinar a devida harmonia e respeito.

§ 1.º Censurar em particular o socio que não se comportar condignamente perante a sociedade.

§ 2.º levando ao conhecimento da casa (que procederá como convier) se o mesmo tornar-se rebelde.

§ 3.º Presidir todas as sessões salvo força maior.

(Continua)